



Carta do Ministro Geral

Fr. Mauro Jöhri OFM Cap

«TU ÉS A NOSSA FÉ»

**Carta a todos os Frades Menores Capuchinhos
para o Ano da Fé**

13 junho 2013

www.ofmcap.org

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710

fax. +39 06 48 28 267

www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap

info@ofmcap.org

Roma, A.D. 2016

Sommario

1. Eis-me aqui! Faça-se em mim conforme a Tua Palavra.....	5
2. O tempo da fadiga.....	6
3. Tu és a nossa fé.....	8
4. A missão precede a compreensão.....	9
5. Uma proposta para continuar o caminho	10

«TU ÉS A NOSSA FÉ»

Carta a todos os Frades Menores Capuchinhos para o Ano da Fé

Prot. N. 00525/13

Caríssimos irmãos,

[1] Bento XVI, bispo emérito de Roma proclamou o Ano da Fé, Papa Francisco no início do seu pontificado repropôs as suas motivações e conteúdos. Este evento me faz propor-vos algumas reflexões com o desejo de que cada irmão possa ser levado a verificar e renovar o próprio relacionamento com o Senhor. Dirijo-me a vós consciente de que o dom da fé deve ser protegido e cultivado, mas sei também que o crente sofre a tentação da mesmice, do comprometimento e não raramente a aridez insinua sentimentos de enfraquecimento que impedem ver o horizonte claro e luminoso que a fé abre à nossa existência.

[2] Seja que pertençamos a circunscrições numericamente em crescimento ou a outras que há anos conhecem um forte decréscimo, todos precisamos ser renovados em nosso relacionamento com Deus. O crescimento numérico ou a inexorável diminuição poderia ser vivido por parte de uns como motivo de orgulho e de outros como fonte de abatimento. Deus está próximo do mesmo modo seja de uns que dos outros e somente um olhar de fé nos permitirá acolher com alegria e serenidade esta verdade. Perguntamo-nos, pois, como orientar-nos neste tempo marcado por fenômenos como a globalização, o crescimento do individualismo, a desafeição pelos valores tradicionais, a crise econômica e assim por diante.

EIS-ME AQUI! FAÇA-SE EM MIM CONFORME A TUA PALAVRA.

[3] Iniciamos a nossa reflexão com a pergunta que o apóstolo Pedro dirigiu a Jesus: *Senhor, a quem iremos?* (Jo 6,68). Quem poderá responder aos interrogativos que surgem do nosso coração? Quem poderá indicar-nos o caminho? A celebração de um acontecimento um tanto desconhecido, mas particularmente significativo para a nossa Ordem me encoraja a convidar-vos a dirigir o olhar à Virgem Maria. Há três séculos, aos 17 de maio de 1712, a nossa Ordem foi oficialmente colocada sob o patrocínio da Imaculada.¹ Os testemunhos da carinhosa devoção de tantos frades nossos, especialmente dos nossos santos, à Virgem Imaculada nos contam histórias de pessoas que por obra da Graça transformaram suas vidas num “credo vivo”, homens e mulheres que com fé incondicional entregaram-se totalmente a Deus. Maria, a Mãe de Jesus, é o ícone deste *eis-me aqui* total.

[4] Ao anjo que anuncia-lhe a concepção de um filho, que o dará à luz e o chamará Jesus, Maria reage com estupor e maravilha com uma pergunta: *Como acontecerá isto, pois eu não conheço homem?*(Luc 1,34). Não opõe objeção dizendo: “Impossível, não sou capaz!”. Não compreende, mas na sua pergunta manifesta a vontade de entrar no mistério com disponibilidade. O anjo diz que será o Espírito Santo quem descerá sobre ela, a cobri-la com sua sombra realizando o que é inimaginável e impossível. Tudo permanece misterioso, e mesmo assim Maria pronuncia o seu *fiat*, expressão da sua fé, da sua obediência, entregando sua pessoa ao projeto de Deus. A Virgem de Nazaré, aderiu mesmo não compreendendo todas as consequências do seu sim. Ela diz: “Faça-se em mim conforme disseste”(Luc 1,38). É justo o caso de afirmar que: “a missão precede à compreensão”². A busca do sentido daquele anúncio acompanhará Maria ao longo de toda a vida d’Aquele a quem ela deu à luz. O evangelista Lucas descreve esta atitude de Maria desde o começo da vida de Jesus dizendo que ela *guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração* (Lc 2,19). Maria acreditou em Jesus, Verbo de Deus vivo, ainda antes de tê-lo visto e nos testemunha que a fé é acolher uma promessa que vem de Deus, sem compreender imediatamente as condições particulares que a levarão ao cumprimento. Lembrem de Pedro que, depois de ter pescado durante uma noite

¹ Cf. *Regina Immaculata: Studia a Sodalibus Capuccinis Scripta Occasione Primi Centenarii a Proclamatione Dogmatica Immaculatae Conceptionis B. M. V. Collecta et Edita a P. Melchior A Pobladura, O.F.M.Cap.* (Rome: Institutum Historicum Ord. Fr. Min. Cap., 1955), 296.

² Fabrice Hadjadj, *Comment parler de Dieu aujourd’hui ?* Salvator 2012, p. 207

inteira sem sucesso, sob a palavra de Jesus aceita novamente avançar para águas mais profundas e lançar as redes?(Luc 5,4)

[5] Também a vocação de cada um de nós é marcada por uma adesão livre e confiante à vontade de Deus. Pronunciamos um sim sem conhecer todas as consequências da nossa resposta. Nós confiamos e partimos. O Ano da Fé é um apelo a redescobrir esta característica da nossa vocação. Clara de Assis no fim da sua vida, depois de tantos sofrimentos e dificuldades, testemunha de modo seguro e convicto que a nossa vocação é o maior dom que recebemos do Senhor.³ Dirigindo-se aos religiosos e religiosas por ocasião da última Jornada da Vida Consagrada, Papa Bento XVI nos exortava a voltar à fonte da nossa vocação: “ *Vos convido em primeiro lugar a alimentar uma fé em grado de iluminar a vossa vocação. Vos exorto por isso a fazer memória, como numa peregrinação interior, do “primeiro amor”, com o qual o Senhor Jesus Cristo aqueceu o vosso coração, não por nostalgia, mas para alimentar aquela chama. E para isso ocorre estar com Ele, no silêncio da adoração; e assim reanimar a vontade e a alegria de compartilhar a vida, as escolhas, a obediência da fé, a bem aventurança dos pobres, a radicalidade do amor. A partir, sempre novamente deste encontro de amor, vós deixastes tudo para ficar com Ele e colocar-vos como Ele a serviço de Deus e dos irmãos*”.⁴

O TEMPO DA FADIGA

[6] Irmãos rezem comigo a fim de que cada um de nós olhando o caminho percorrido com o Senhor possa com estupor e gratidão testemunhar que *tudo é Graça!* Não podemos ignorar que o nosso caminho de fé comporta também situações assinaladas pelo cansaço, desencorajamento e pelas quedas. Permitam-me dirigir um pensamento afetuoso aos frades que, por várias razões, estão vivendo momentos de crise e de aridez: a eles repito as palavras que Deus diz aos seus amigos: *Coragem! Não temais!* Convido todos a meditar sobre a passagem evangélica de Mc 9, 14-27. O pai do jovem epilético endemoniado experimenta a impotência, a incapacidade de curar o seu filho, nem os discípulos puderam fazer nada! Este pai inconsolável encontra Jesus e lhe pede: *Mas, se tu podes alguma coisa tem piedade de nós e ajuda-nos!* Jesus lhe disse: *se podes ? Tudo é possível àqueles que creem*(22b-23). Aquele homem confuso, provado e

³ Santa Clara, Testamento

⁴ Bento XVI, Homilia para a Jornada da Vida Consagrada, 2 fevereiro 2013.

desencorajado disse em alta voz: *Creio, ajuda a minha incredulidade!* (24b) O grito de súplica deste homem pertence à experiência do crente: é a súplica de quem pede ao Senhor de sustentar a própria fé. Irmãos, não tenhamos medo de apresentar nossa fadiga ao Senhor, confiando-nos à oração do irmãos quando experimentamos a tentação de entregar nossa vida ao comprometimento que gera situações de ambiguidade e desagregação interior ou para usar termos mais claros, somos constrangidos ou aceitamos viver uma vida dupla. Consciente de que a fadiga vem nos visitar, dirigamo-nos à Virgem Maria que conheceu momentos de surpresa e de incompreensão.⁵ Meditando sobre o silêncio de Maria, um irmão nosso escrevia: *“Maria percorreu a própria estrada e ao longo do caminho encontrou os reveses característicos da peregrinação: sustos, confusões, perplexidades, estupores, medos, cansaços... Sobretudo enfrentou interrogativos: O que significa isto? É verdade? O que fazer?...Não vejo nada! Tudo me parece escuro!”*⁶

[7] Dia após dia, a Virgem Maria retomou, aprofundou e aperfeiçoou o significado do seu “fiat”pronunciado em Nazaré. O Espírito Santo, que nunca cessou de operar nela, é o artífice deste caminho, como escrevia São Boaventura: *“Na alma da Virgem o amor do Espírito Santo queimava de modo tão singular que na sua carne a força do Espírito realizava maravilhas com a sua graça que incitava, ajudava e elevava a natureza”*⁷. Para caminhar e crescer na fé não devemos cessar de invocar o Espírito de Deus e de olhar para Maria. Jesus Cristo é Aquele que dá origem à fé e a leva a cumprimento(Heb 12,2); Maria é o modelo de seguimento.

[8] Somos chamados a acolher o nosso existir como vocação à comunhão com Aquele que tomou primeiro a iniciativa e para que isto aconteça é indispensável que a nossa quotidianidade seja animada pelo silêncio e a oração. Experimentar a amizade d’Aquele que tem confiança em nós, mesmo conhecendo nossas fraquezas, supõe da nossa parte a disponibilidade a permanecer na sua presença. A dimensão contemplativa da nossa vocação é essencial para nutrir a vida de fé. Não sejamos avarentos no doar nosso tempo à oração, seja pessoal que com os nossos irmãos. Nada, nem mesmo a urgência do trabalho apostólico pode dispensar-nos. Reafirmo com força, certo de cumprir um gesto de amor para convosco, o que nos recordam as Constituições: *“a nossa vida de oração seja*

⁵ Luc. 2,3 ; 2,50.

⁶ Fr. Ignacio Larrañaga, *O Silêncio de Maria*, p. 44, Ed. Paulinas 1979.

⁷ São Boaventura, *Brevilóquio*, parte 4, cap. 3, n. 5.

a expressão característica da nossa vocação de frades menores...oração afetiva, isto é, oração do coração, que nos leva a uma íntima experiência de Deus⁸”.

TU ÉS A NOSSA FÉ

[9] No centro da relação com o Senhor está – como para Maria de Nazaré – a acolhida da Palavra de Deus. São Paulo escrevia aos cristãos de Roma, “*a fé depende da pregação e a pregação por sua vez se realiza pela palavra de Cristo*” (Rom 10,17). Nele, o Verbo feito carne, a fé encontra “*uma Pessoa à qual se confia a própria vida*”⁹. Os escritos e as primeiras biografias de São Francisco narram como a sua existência fosse continuamente renovada pela Palavra de Deus. Do mesmo modo que a Eucaristia, a Palavra de Deus está no centro da fé de Francisco, porque por meio desta e nesta ele aderiu á pessoa de Cristo, morto e ressuscitado por nós. Nos *Louvores ao Deus Altíssimo*, Francisco nos surpreende com a afirmação: “*Tu és a nossa fé!*” A fé, não menos que a caridade e a esperança é, e permanece, dom de Deus. Eis porque não devemos nunca cessar de pedir este dom e de agradecer por ele.

[10] Na carta programática do novo sexênio indiquei a urgência para as nossas fraternidades assim como para todas as circunscrições da Ordem, seja no campo da formação inicial que permanente, de continuar a renovar a nossa relação pessoal e comunitária com a Palavra de Deus. Como disse Francisco no seu testamento, o Evangelho tornou-se para ele falante depois que o Senhor lhe tinha dado os frades. Por que nós devemos privar-nos desta graça? Viver o Evangelho em fraternidade implica a conversão e a ajuda recíproca no nosso caminho de fé. Nas nossas fraternidades falamos de diversos assuntos e partilhamos situações e eventos vários, por que silenciemos sobre o essencial? Talvez permaneçamos ancorados num passado no qual a fé era vivida como relação estritamente pessoal com Deus e os irmãos não tinham direito de entrar neste relacionamento? Ou então nos é difícil encontrar as palavras que expressem os frutos que a Palavra de Deus produz em nós? Não nos envolvemos no confronto e cedemos o passo ao amor próprio pelo medo de ser julgados? Creio que algumas resistências sejam também a consequência de um clima social que relega a fé à esfera privada da existência e como tal deve ser praticada

⁸ Constituições, 46.

⁹ Bento XVI, *Verbum Domini*, 25

individualmente sem nenhuma pretensão de poder dar uma contribuição à política, à economia e a outros âmbitos da sociedade civil. No que diz respeito diretamente à vida religiosa não esqueçamos que o individualismo enfraquece a qualidade das relações fraternas e pode deixar consequências negativas também para a nossa fé.

A MISSÃO PRECEDE A COMPREENSÃO

[11] A Virgem aceitou a sua missão sem saber que esta a teria levado a assistir um dia à crucificação do seu Filho. Acreditou e por isso confiou e iniciou o seu caminho. Desejo insistir de modo particular sobre a afirmação: a missão precede à compreensão, porque representa de um certo modo a pedra angular de cada discipulado. A missão que nos é confiada é a modalidade com a qual a nossa vida se transforma em dom e justamente por isso se realiza plenamente quando alguém confia, aceita partir e afrontar qualquer situação livre das preocupações com o êxito. Não faz muito tempo eu visitei os nossos frades que vivem na Suécia e os que se encontram na longínqua Islândia. Os primeiros provêm da Província de Varsóvia enquanto os outros pertencem àquela da Eslováquia. Estes nossos irmãos aceitaram o desafio de ir até países dos quais não conheciam nem a língua nem a cultura. Encontraram-se num contexto muito secularizado e colocaram-se a serviço de uma Igreja fortemente minoritária, composta prevalentemente por trabalhadores estrangeiros que professam a fé católica. Nossos frades têm que percorrer distâncias consideráveis para encontrar as comunidades católicas, muito exíguas numericamente. Encontrei-os ocupados e contentes em poder exercer esta missão. Não me esconderam suas dificuldades, mas nenhum fez menção de querer abandonar a missão que estão vivendo. Rezamos juntos e os vi assíduos à celebração da liturgia das horas e à meditação. Sem fé, isto seria impossível! Exemplos como estes, graças a Deus, temos muitos na nossa Ordem e desejaria que se tornassem uma sã provocação para os frades que se pensam irremovíveis, que permanecem fechados à Graça de uma nova obediência, de um novo serviço, inventando objeções que nem sempre correspondem aos critérios da fé e da minoridade. A fé, que é confiança profunda e incondicional no Senhor, leva à estima de si mesmo, à disponibilidade em levar além o desejo de doar a própria vida amando e servindo. A fé é ainda a consciência de que, aceitar deixar o lugar, o ofício, o

ministério que cumprimos por longo tempo para acolher o novo, nos abre às surpresas de Deus. Esta disponibilidade nos protege de nos tornarmos detentores de poderes ou pessoas que se apropriam das dinâmicas da vida fraterna, impedindo toda mudança e novidade.

UMA PROPOSTA PARA CONTINUAR O CAMINHO

[12] Irmãos, a exemplo de Maria e contemplando o Deus Altíssimo, com Francisco proclamemos: *“Tu és a nossa fé”!* Deixemo-nos interpelar sobre o nosso modo de viver e peçamos ao Espírito que a nossa existência, a nossa vocação sejam radicadas na fé incondicionada n’Aquele que nos criou, redimiou e destinou a possuir os bens eternos. Como dizia no início desta carta, existem irmãos que cultivam o dom da fé, outros estão na fadiga e no enfraquecimento. Todos temos necessidade de entregar-nos com confiança nas mãos do Senhor, de escutar a sua voz. Certos da sua ajuda, da sua presença, coloquemo-nos a caminho como a Virgem Maria que *levantou-se e foi às pressas para a região montanhosa, a uma cidade de Judá*(Luc 1,39), para estar com a prima Isabel. A Virgem do Magnificat leva em seu ventre o seu Senhor! Isabel saúda Maria com palavras que são uma síntese admirável da experiência da Mãe do Senhor: *E bendita aquela que acreditou no cumprimento daquilo que o Senhor lhe disse* (Luc 1,45). Maria é bendita, feliz e realizada pela sua fé!

[13] Envio minha saudação junto com uma proposta que eu já mencionei no n.10 desta carta que corresponde a um desejo profundo que conservo no coração e que partilho convosco. Desejo que nossas fraternidades provinciais e locais sejam lugares onde nos sustentemos no caminho de fé e nos ajudemos a reconhecer a presença do Senhor ressuscitado entre nós. Testemunhemos a beleza da fé, ajudemo-nos com misericórdia e paciência na fadiga do crer que vem visitar a nossa existência. Vos proponho um capítulo local onde os frades, iluminados e provocados pela Palavra de Deus, pela Regra e por nossas Constituições, possam partilhar a própria relação de fé com o Senhor, o que essa gerou; e se algum irmão estivesse na fadiga, que possa pedir oração e ajuda. Peço aos Ministros e aos superiores locais que me ajudem a tornar concreto este meu desejo. Obrigado!

Com fraterno afeto.

Fr. Mauro Jöhri
Ministro geral OFMCap

Roma, 13 de junho de 2013
Festa de Santo Antônio de Pádua

Sommario

1. Eis-me aqui! Faça-se em mim conforme a Tua Palavra.....	5
2. O tempo da fadiga.....	6
3. Tu és a nossa fé.....	8
4. A missão precede a compreensão	9
5. Uma proposta para continuar o caminho	10

